

O SENTIDO

Unidade 27/7/73, p.4

O caso Wiryamu, no fundo, nada mais foi nem significa do que um ataque ao Exército português. Ataque que procura minar-lhe as energias, confundir-lhe o espírito, negar-lhe o valor, preverter-lhe o sentido. Quem nele vir outra coisa engana-se por certo. Bem interpretado, o caso Wiryamu é para esse mesmo Exército, o nosso Exército, um desesperado reconhecimento do seu valor.

Não sendo possível vencê-lo pelas armas, o inimigo enveredou pela calúnia. Ignorou, no entanto, que a calúnia não vence exércitos, derrota homens e neste caso o derrotado é sempre o caluniador.

O padre Hastings e seus crentes foram os únicos massacrados de Wiryamu. E para eles não foi precisa sequer a linguagem das armas. As suas palavras bastaram para os prostrar no campo cobarde das mortes sem glória.

O pacifismo incongruente do mundo ocidental cristão tarde ou nunca se há-de dar conta dos maus caminhos por que enveredou.

Passando-se, com armas e bagagens, para o campo dos escuros planos políticos do imperialismo comunista, nega-se a si mesmo, negando a coragem dos seus mais extremos defensores — nós, portugueses, com uma consciência cristã europeia a contrapor-se em África, de armas na mão e Evangelho no bolso, aos intentos de todos os imperialismos só económicos.

D. José Guerra Campos, Bispo Auxiliar de Madrid, uma das mais lúcidas e incômodas inteligências do actual mundo católico, militar de segunda linha (como ele refere e foi), diz-nos na conferência que fez no «Acampamento de Los Castillejos», no dia vinte e oito de Agosto de 1968, que exército não é ódio, guerra, violência; mas amor, paz, ordem.

Aqui deixamos essa conferência aos nossos leitores, certos de estarmos a prestar à causa nacional e ao exército que nos defende e que somos um dos mais relevantes serviços que se lhe pode prestar na hora que passa — o serviço da justiça.